

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Conferência da Primavera

As PME Face aos Desafios da Economia Portuguesa

Sinopse

Vítor Neto¹

A economia portuguesa confronta-se com profundos desafios de ordem conjuntural e estrutural, em que relevam, respectivamente os imperativos de reequilibrar as contas públicas e de reforçar a cadeia de valor das empresas e da economia. Neste sentido, a AIP-CE alicerça as suas propostas em torno de um desígnio estratégico mobilizador: *alargar e enriquecer a carteira de actividades, produtos e serviços transaccionáveis com que Portugal se expõe perante a globalização*, e, conseqüentemente, defende também o seu mercado interno e a economia de proximidade em sistema aberto. A este propósito, as PME pelo peso que detêm na nossa economia (mais de 99% do total de acordo com o critério do volume de emprego), deverão desempenhar um papel decisivo em matéria de internacionalização empresarial, particularmente a nível do incremento das exportações.

Para cumprir este desígnio, a AIP-CE, de acordo com a Carta Magna da Competitividade, apresentada publicamente em 2003, vem privilegiando a defesa de um modelo de desenvolvimento predominantemente alicerçado numa estratégia euro-atlântica que complementa a opção europeia e recoloca Portugal no centro da economia mundial. É uma estratégia que pressupõe quatro condições, nomeadamente (i) um compromisso interpartidário que vincule as principais forças políticas ao cumprimento e partilha de uma visão e um quadro de orientações estratégicas de médio prazo (um horizonte de pelo menos duas legislaturas); (ii) trazer para o terreno da internacionalização, uma franja das PME muito superior à actual, por forma a que se atinja, num horizonte de médio prazo, uma participação das exportações no PIB da ordem dos 40% (contra os cerca de 32% em média na última década), o que exige em paralelo uma política orientada para o redimensionamento e modernização das PME; (iii) uma diversificação das nossas exportações que se concentram em mais de 73% nos mercados da UE, e nesta fundamentalmente em quatro mercados (Espanha, Alemanha, França e Inglaterra), em direcção a novos mercados (CPLP, MERCOSUL, NAFTA, Magreb, África do Sul...); e, (iv) um

¹ Vice-presidente da Associação Industrial Portuguesa – Confederação Empresarial (AIP-CE)

investimento inteligente na conectividade física e digital do nosso território, concretizando em tempo oportuno, as infraestruturas e os projectos que lhe dão coerência e lhe conferem funcionalidades logísticas e de plataforma internacionais.

A concretização destes objectivos exige igualmente um forte investimento na inteligência competitiva, por forma a conhecer as tendências inerentes ao novo paradigma em que se está a alicerçar a economia e a nova ordem mundial, a fim de preparar as empresas portuguesas, particularmente as PME, para os desafios e para os mercados que daí decorrem.

Na verdade, vive-se ainda o rescaldo de uma crise sistémica com um forte impacto nos planos financeiro, económico e social, a par de um processo de mutação na ordem mundial, alterando significativamente as relações de poder à escala global, onde, entre outros aspectos, as grandes economias emergentes, muito particularmente a China, a Índia e o Brasil, ganham maior expressão como grandes protagonistas na cena internacional. O novo ciclo económico, num mundo cada vez mais multipolar, vai seguramente aprofundar todos os componentes da economia baseada no conhecimento, com uma maior *clusterização* entre novas tecnologias e tecnologias maduras, sobretudo com o desenvolvimento de novas funcionalidades que delas decorrem, ou seja, a massificação dos bens e serviços da sociedade da informação. Um dos principais "motores" deste novo paradigma pós-crise terá um grande eixo em torno do binómio energia-ambiente, visto quer do lado das exigências que coloca em termos de normas e condicionantes de natureza ambiental quer, sobretudo, do ponto de vista das oportunidades que cria, designadamente no que se refere ao *mix* energético que vai alimentar o funcionamento da economia e todo um conjunto de novos equipamentos, produtos e serviços inerentes ao desenvolvimento sustentável. Os desenvolvimentos tecnológicos em torno das TIC, dos novos materiais, das nanotecnologias, das novas energias, das biotecnologias, das ciências da vida, do ambiente, entre outros, vão estar no centro da nova economia alimentando-a com novos produtos, bens e serviços e, conseqüentemente, um vasto mercado em que as empresas se devem posicionar. O espaço e os oceanos são duas dimensões importantes da nova economia.

Em síntese, a única via sustentável de fugir ao círculo vicioso dos défices passa obrigatoriamente por investir na cadeia de valor da economia e na inteligência competitiva, onde as PME terão que ser um suporte fundamental, conferindo maior densidade e robustez ao tecido empresarial, particularmente em matéria de inovação, internacionalização e competitividade.

2010-05-03